

Ser mulher - Uma metáfora possível? In: Análise semiótica da função representativa da realidade discursiva



<https://doi.org/10.56238/interdiinovationscrese-016>

Mônica Maria Martins de Souza

Psicóloga, Jornalista, Doutora em Comunicação e Semiótica. Mestre em Administração. Especialista em Docência, Especialista em Administração de Recursos Humanos, Especialista em Tecnologia Educacional. Avaliadora do INEP. Profa da Pós-Graduação do Mackenzie. Profa. de Jornalismo, Publicidade, Propaganda e Marketing da Universidade UNIP. Prof de Psicologia no curso de Administração das Faculdades Integradas Campos Salles. Pesquisadora do Centro Universitário de Tecnologia e Inovação Eniac de Guarulhos, SP.

RESUMO

A função (re)presentativa da realidade discursiva analisa o percurso da construção do destino da menina mulher como uma metáfora possível. Passo a passo desvela a forma como uma mãe procura ajuda psicológica para a filha e por meio dela se revela. Trata da inquietação a partir de uma

dificuldade real de uma mãe que se angustia com a filha que repete o segundo ano no ensino básico, mas este é apenas o fato impulsiona/dor que a lança em uma viagem ao passado e ao seu imaginário, A compreensão das amarras humanas especificamente da menina e as suas representações pensadas pela mãe na busca da auto compreensão pelos vieses do dito e do não dito. Trata de uma demanda invertida na qual por meio da filha a mãe se fala. Ela reflete sobre fragmentos da sua origem e sua história que aparece aos poucos e incompleta. Uma realidade composta de crenças, fantasias, angustias, sonhos e esperanças de felicidade que tanto atormentam uma mãe que implora para compreender-se como pessoa e sujeito da sua existência a partir do que imagina ser a castração do filho.

Palavras-chave: Psique humana, Análise representativa do feminino, Construção do destino da menina, Discurso do imaginário.

1 INTRODUÇÃO

“... Sobre tua boca e teus olhos o nome da Trindade te proteja. Em ponto de marca no vestidinho: navios.
 Todos a vela. A viagem que eu faria em roda de mim”. Adélia Prado

Ser mulher é uma metáfora possível? A pesquisa trata da saúde mental, da construção psíquica, da mulher, de um caso específico de sofrimento e mutilação real e imaginária, onto e filogenética. A análise semiótica se faz a partir do discurso angustiado de uma mãe que procura atendimento psicológico para a filha/ filho mutilado e através deste conflito, ela se fala.

O objetivo de se pensar a metáfora da estrutura possível da menina mulher que angustia uma mãe, é tratada com o propósito de analisar a função representativa da realidade discursiva, que constitui um ser como sujeito. Tratar o percurso da construção metafórica do universo feminino em sua complexidade que abre possibilidades e reflexões.



A problemática que leva uma mãe a procurar ajuda psicológica para a filha que passo a passo se desvela angustiada fala das suas aflições e impossibilidades diante do mundo e dos problemas concretos e abstratos. A inquietação da mãe que se fala a partir da filha e por meio dela se revela é uma viagem pela estrutura do significado do ‘ser humano’ no diverso mundo de desafios e possibilidades.

A Justificativa de se pensar a inquietação feminina em se compreender como sujeito construtor da sua história parte da dificuldade real de uma mãe, do grupo dos vulneráveis nos anos 80, que se angustia com a filha que repete o segundo ano do ensino básico. A demanda é apenas o fato impulsiona/dor que a lança em uma viagem ao passado real e imaginário.

A Metodologia para a compreensão das amarras humanas especificamente a estrutura psíquica feminina em suas representações utiliza as referências bibliográficas, eletrônicas, os laboratórios clínicos / semióticos, pensados e refletidos em equipe e grupos de estudo.

O Referencial teórico envolveu autores e análises dos conceitos psicológicos: existencial, comportamental e psicanalíticos, semióticos médicos. Dentre eles se destacam – a análise do significado do feminino tratado por Serge André (1990). Os conceitos de semiótica da cultura em reflexões sobre o animal humano de Norval Baitello (2003) e Ivan. Bystrina (1995). Os Metadiálogos utilizam os conceitos de Gregory. Bateson (1989). De Ernst. Cassirer (1978) e de Malena Contrera (2002), vem a compreensão da linguagem e do mito, o imaginário e desencantamento do mundo. Eibl Eibesfeldt (1973), trata da programação humana, Fiorin (1994) e Greimas (1979) auxilia com os elementos da análise do discurso. As ficções filosóficas de Flusser ajuda a perceber a transformação humana no retorno à reflexão. Freud (1925) contribui na análise do dito e do não dito entre muitos outros autores que auxiliaram na busca de se entender os vieses de uma demanda invertida na qual uma mãe por meio da filha reflete sobre sua origem e sua história.

Uma realidade humana complexa composta de desesperanças em meio à crenças, fantasias, angustias, sonhos e esperanças de felicidade que tanto atormentam os seres humanos em busca de si mesmos como sujeito da sua existência levam uma mãe ao consultório.

1.1 A METÁFORA DA ESTRUTURA POSSÍVEL DA MENINA MULHER – ANGUSTIA DE UMA MÃE

“Minha filha de 9 (nove) anos repete o segundo ano do ensino básico, em uma escola municipal”, este é o discurso com a qual uma mãe adentra a porta para pedir ajuda. Ela leva a filha para tratamento, mas a deixa na sala de espera e entra sozinha dizendo: “Eu trouxe a minha filha de 9 (nove) anos que repete o segundo ano, mas eu preciso conversar primeiro com a senhora, em particular, sem a presença da pequena”.

Neste discurso aflito de uma mãe que entra furtiva fechando a porta atrás de si, como quem quer se esconder do mundo lá fora, pode-se refletir que: os elementos dentro da realidade discursiva



têm uma função representativa. As figuras são actantes sob e sobre as quais o texto se edifica. E é delas que emerge a temática discutida pelo enunciador.

A vida do enunciador é uma arena de enfrentamento cultural e nela são construídos e rearranjados os vínculos humanos. Esses vínculos são estabelecidos na inter-relação e como a comunicação é aprendida na convivência social, a sua constituição é complexa e diversa. O que a estrutura é a construção dos vínculos sociais, tanto de uma perspectiva ontogenética quanto do ponto de vista filogenético e é frágil como um véu. Embora na opinião de Eibesfeldt (1973) haja uma programação humana não existe nenhuma garantia de perfeição no proceso da estrutura. Cada ser humano tem seu fragmento por rearranjar e ajustar. Essas descobertas trazidas à luz pela Etologia deixam claro que os vínculos permitem tanto a constituição humana quanto a dos animais em relação com os outros seres da mesma espécie. Uma criança ou animal já nasce em uma teia de vínculos que denominam a sua sociedade (H. Harlow, 1972).

Como os vínculos possuem raízes onto e filogenéticas são balizados por mitos e crenças que alimentam a saúde mental dos homens no mundo real, - a primeira realidade -, que na concepção de Ivan Bystrina (1995) é composta de necessidades básicas de sobrevivência, e no mundo simbólico - a segunda realidade. O conceito de “Primeira realidade” de Bystrina envolve a sobrevivência e a realidade das necessidades. O universo da civilização, a educação do corpo e dos hábitos para a sociabilidade. Para a comunicação a “Primeira realidade” é o lugar onde espaço e tempo se entrecruzam com a mitologia. Portanto, a “Primeira realidade” e “Segunda realidade” se contaminam reciprocamente para dar origem ao abstrato conceito de tempo/espaço.

Esta segunda realidade é composta de crenças, fantasias, angustias, sonhos e esperanças de felicidade, o real possível para Cassirer (1994), que tanto atormentam esta mãe que procura ajuda. Sobre a segunda realidade, Baitello Jr. (1999:38) explica em seu livro “O animal que parou os relógios”, que é um universo simbólico, que constitui o conjunto de informações geradas e acumuladas pelo homem ao longo do tempo. Isso ocorre pela sua capacidade imaginativa de narrativizar aquilo que não está explicitamente encadeado. Como inventar relações e criar textos seja na linguagem verbal, visual, musical, performático-gestual, ou olfativa. Assim, o conjunto menor destas associações, denominado “texto” constitui a unidade mínima da cultura. E é esta a metáfora que D’Ilda tenta resgatar quando procura ajuda para si afim de angariar recursos reais e abstratos para significar uma filha que a repete.

Assim, o questionamento “O destino da menina-mulher é uma metáfora possível”? Trata da inquietação real e imaginaria de uma mãe que se angustia com a filha que repete o segundo ano no ensino básico, mas este é apenas o fato impulsiona/dor que a lança, a partir do presente, em uma viagem ao passado - a segunda realidade e ao seu futuro. Neste percurso ela denuncia a angustia, a culpa e estados alterados de consciência, relativas à sua própria representação como mulher, como mãe e como



filha. E aqui se entrelaçam as raízes da cultura de Bystrina (1995). Ele classifica em quatro as raízes da cultura: a primeira - estados alterados de consciência. A segunda - o sonho. A terceira - o jogo e a quarta - a psicopatologia, terreno que muitos resvalam em seus sofrimentos mentais. Esses são os caminhos que D'Ilda percorre ao longo da sua vida e que aparecem em sua análise invertida.

A análise desta mãe remete ao que Bystrina chama de estados alterados da consciência, Flusser (1979:69, 135) designa como alienação e os psiquiatras chamam de alteração ou desvio do comportamento designado socialmente como padrão de normalidade. Suscitam então algumas perguntas: - Qual normalidade? O que é normalidade? De qual normalidade se fala aqui? Social? Profissional? Cultural? Acadêmica? Regional? Marginal? Religiosa? Real ou simbólica?

1.2 QUANDO O REAL E SIMBÓLICO SE CONFUNDEM

O homem é um ser de símbolos e esses símbolos são representações do objeto real. Eles acompanham o homem em toda a sua existência. Graças às transições simbólicas ele interpreta papéis e atua na esfera social e profissional e graças à representação viaja do céu ao inferno, conforme Bystrina, (1995:11).

Atormentada, a mãe relata a história da sua vida que *repete* a vida da sua mãe. Papéis e sentimentos que se misturavam e se confundiam levando-a ao desespero quando dizia entre soluços: “É tudo culpa minha, eu deixei cortar. E agora? O que faço?”

A semiótica classifica os discursos em duas grandes classes: os figurativos e os não figurativos. Enquanto os primeiros são predominantemente concretos, porque são construídos com figuras ou termos concretos, os segundos se elaboram com temas ou denominações abstratas. Por isso, os primeiros se chamam textos figurativos (ligados à figurativização) e os segundos, textos temáticos (vinculados à abstração). Quando D'Ilda procurou tratamento para sua filha Daniela, disse que era porque ela já tinha 9 (nove) anos e repetia o segundo ano do ensino básico. A mãe aproveitou-se da repetição da filha como justificativa para procurar ajuda para si. Ela chorava ao dizer: - “Eu, a Daniela e os seus dois irmãos mais novos, seus irmãos por parte de mãe, moramos com a minha mãe. A mãe diz que Daniela desconhece a sua origem e sua história, mas como dizer isso a ela”? O que se tem aqui é uma demanda invertida. Através de Daniela D'Ilda se fala?

Ela relatava fragmentos de uma história que aparecia incompleta e parcialmente, como se temesse ouvir a si mesma, e a informação por inteiro.

“Ela nasceu com os dois e eu deixei tirar”. Os textos figurativos “produzem um efeito de realidade”, criam uma imagem do mundo; os cientistas por sua vez, explicam, ordenam, classificam, interpretam, estabelecem relações com as coisas do mundo e elaboram conceitos. É a partir daí que se estabelecem os níveis de concretização de sentido textual e “o texto figurativo tem um nível temático subjacente” (Fiorin, 1998). A mãe repete: "Daniela nasceu com os dois sexos - feminino e masculino.



Como os órgãos internos eram femininos, o pênis foi extirpado". D'Ilda se sente culpada por autorizar a arrancada do pênis. Por mais que se esforce para esquecer, não consegue evitar a pergunta: "como vou dizer isso a ela"? Uma pergunta insistente que a faz retornar a análise deixando a filha na sala de espera.

Ela retoma ao encontro seguinte com a mesma frase:

"Ela nasceu com os dois e eu deixei tirar". Daniela nasceu com os dois sexos - feminino e masculino. Como os órgãos internos eram femininos, o pênis foi extirpado. - "como vou dizer isso a ela? E se quando crescer ela gostar de mulher, como vou dizer que ela tinha e eu deixei tirar? Ela vai me odiar".

Aqui o pênis é o sujeito do "poder fazer". A sua falta impede o fazer do outro - "se ela gostar de mulher ela não tem mais, e a culpa é minha porque eu deixei tirar". Ela transita em prospecções, no palco de representações simbólicas - os papéis balizados pela cultura, mitos e crenças.

Ela tenta relatar o seu dilema entrecortado por um choro compulsivo:

"Ela nasceu com os dois. Eu não sabia o que fazer. Os órgãos internos eram femininos. O que eu podia fazer? Os médicos disseram que eu tinha que decidir pelo sim ou pelo não. Isso não é justo, eles falaram que tinham que extirpar o pênis antes dos seis meses. Mas eu não sou médica. E tive que autorizar para 'arrancar o pênis dela', porque eles disseram que era o melhor para ela".

O discurso da mãe remete à observação de FLOCH (2001) quando este diz que "... as estruturas textuais são aquelas onde as significações são concretizadas". Diante da fantasia que desponta, D'Ilda questiona: "... os médicos disseram que os órgãos internos eram femininos, mas ela também tinha hormônio masculino, e se o pênis crescer"?

A angustia da D'Ilda remete a Freud (1908, V.IX: 219) "sobre as teorias sexuais das crianças" que fala de um menino que se refere à ausência do pênis na sua irmãzinha com o seguinte comentário – "O dela ainda é muito pequeno, mais vai aumentar quando ela crescer". Disso Hans dá testemunho e Freud explica no artigo "Análise de uma Fobia em um menino de cinco anos" (FREUD, 1909, V.X: 13). A lógica do discurso da mãe aflita retoma as teorias sexuais infantis com a problemática de Daniela. Ela se atormenta, com fantasias e possibilidades imaginárias. "Aí o fantasma finca o pé". D'Ilda se angustia - "Eu deixei tirar". "Ela vai me odiar". Ela supõe ter castrado "o filho". E quando traz a questão "e se ela gostar de mulher"? Ela crê nesta possibilidade porque acredita ter mutilado o corpo do filho.

Esta mãe "constrói cenários e histórias progressas e progressas", balizada pela teoria de Baitello Jr. (2003) ela ignora que "o corpo do homem é um corpo carregado de mitos, crenças, ideologias, jogos e utopias vinculados ao imaginário. Um corpo de memória e de história, um corpo psicossomático de temporalidade que se apropria do tempo e do espaço". Considerando aqui que o tempo e o espaço são



atemporais, e que os conceitos e verdades mudam seus valores e possibilidades durante o percurso, no tempo.

O corpo é a mídia primeira e primária da cultura. É o signo-texto de maior proliferação comunicativa na identidade cultural. O primeiro instrumento de inscrição, o fazer cultural, que propicia a identidade do sujeito (...) texto composto de muitas crenças, convicções e portador de significados que como mídia se ressignificam permanentemente. Pross classifica a mídia em três categorias: primária, secundária e terciária. A mídia primária é o corpo, a secundária é a escrita e a terciária é a dos aparatos tecnológicos que envolve a eletrecidade e a tecnologia (HARRY PROSS, em “Atrapados en la diversidad, actualizada”, 1999). Os encontros eram compostos por choros e gritos de uma mãe que em sua simplicidade confrontava com a complexidade existencial.

A identidade do sujeito se manifesta no encontro seguinte que D'Ilda chega confusa e enquanto fala de Daniela pergunta: - “ela é feminino”? e repete - “Mas feminino não é minino”? E quando se houve, compreende, se irrita e tomada de acesso colérico delega ao outro a culpa pela confusão explodiu chorando e clamando:

- “A culpa é sua, você me deixa louca com suas perguntas. Deveria é me responder, me explicar e não me questionar. Porque você me responde com novas perguntas que me confundem ainda mais”? - Como posso ajudar minha filha, se quem precisa de ajuda sou eu?

De acordo com o etólogo Eibl Eibesfeldt (1973: 179), autor da obra “El hombre pré-programado”, essas situações tensas, fazem parte das raízes ontogenéticas e filogenéticas do instinto dicotômico amistoso/agressivo do ser humano. Na interação cega, ele próprio procura negar a dicotomia do impulso amistoso/agressivo - a sociabilidade. E assim que D'Ilda relata aos poucos os fragmentos da sua história e a pré-história de Daniela, por meio da qual se fala.

- “Sou mãe solteira, filha de mãe solteira, auxiliar de limpeza, aos 15 anos fiquei grávida. Estava apaixonada. Meu namorado era filho de militar e seus pais não aprovavam o namoro, mas namorávamos escondido. Ao saber da gravidez o meu namorado sugeriu o aborto e disse que: “caso eu não o fizesse ele me abandonaria”.

Ela se vê diante do imperativo: A escolha. Mas ela a/risca e diz: - "Eu quis ficar com os dois". Não é mesmo isso que se repete? Ficar com os dois? Daniela nasceu com os dois e a mãe, não os suportando, mandou cortar. Ela afirma que desejava uma filha que a reportasse ao *pai*. A filha responde a esse desejo trazendo também o que é do pai: "o pênis". E a mãe desolada arrasta seu lamento:

“Quando a gravidez foi descoberta, a minha mãe quis obrigá-lo a casar, eu era menor de idade e ele tinha 19 anos, mas o meu namorado se recusou. Alegou que não tinha condições financeiras para tal e que o pai o mataria se ele se casasse”. Disse que eu poderia abortar e continuar com o namoro, mas eu não quis.



Ela foi abandonada pela segunda vez. A primeira vez em que foi abandonada estava no ventre da mãe. E ainda menina, aos 15 anos, atordoada e confusa, a menina Ilda repete duplamente e relata a sua história aos prantos, soluçando:

- “Minha mãe disse que quando se descobriu grávida, aos 15 anos e contou ao meu pai, ele a abandonou, porque ela não quis abortar. Ele era casado, simplesmente sumiu e não me a/ssumiu”. O retorno marca a vida de D'Ilda. E ela repete na vida como Daniela repete na escola. A menina mulher experimenta um conturbado momento de sofrimento, frustração e angústia. É obrigada a lidar com a dor do seu grande amor despedaçado, o sonho de felicidade desfeito e se vê sozinha com uma criança de dois sexos nos braços. A mãe sempre a alertara, - “Não namore homem casado, eu fui abandonada com você na barriga porque seu pai era casado e eu fiquei sozinha com você nos braços”.

Ela namorou um jovem solteiro, filho de militar, mas também por ele foi abandonada com um filho na barriga, porque não quis abortar - ela repete a mãe. É obrigada a reprimir - como o nômade que buscava novos territórios para prover as suas necessidades e ser feliz – grávida e abandonada, sem saída, retoma a mãe que a acolhe. Daniela trás mesmo o retorno. Tem um órgão a/mais. Como se não bastasse, cabe a ela a decisão de escolher qual sexo deixar governar a vida do seu bebê. Ela revive o seu desespero quando murmura perdida entre o passado e o presente. A luta interna entre poder e o não poder ficar com os dois e a decisão pelo corte do pênis estabelece a criação da narratividade.

“Eu falei com os médicos - A minha criança já foi abandonada pelo pai, nasceu sem lar e sem família e eu ainda vou cortar o pênis dela? Mas eles disseram que ela não podia ficar com os dois. Eu tentei ganhar tempo. Mas os médicos tinham pressa, eles disseram – “mãe, tem que tirar um deles, antes dos 6 meses. Mesmo a criança tendo hormônios masculinos, os órgãos internos são femininos. Diante deste quadro, eles optaram pelo corte do pênis, eu tive que assinar”.

Na década de 80, mais precisamente no ano de 1983, em Minas Gerais a mãe vê sua criança mutilada. Ela tentou deixar a criança com os dois para ver o que o tempo e a natureza decidiriam, mas os médicos não tinham tempo - “tem que tirar um dos sexos antes dos seis meses, ela não pode ficar com os dois”. E entre soluços a mãe geme de dor por uma ferida invisível que não sangra fisicamente, mas a mutila psiquicamente para sempre.

- “Eu queria morrer, mas nem isso eu podia fazer, tinha uma filha mutilada para sustentar e precisava era de trabalhar, mas entrei em depressão”. Contrera (2002) diz que: “Todo arquétipo coletivo, quando entra em ação, provoca um rebaixamento natural da capacidade crítica e intelectual do homem que o imobiliza”. Ela era refém - do desamor, da desesperança, da incerteza, do poder do outro, da pobreza, da ignorância e da tristeza, mas tinha um filho com os dois sexos e tinha que tomar decisões - só com a sua autorização a cirurgia poderia se realizar.

Tentou ganhar tempo, mas não pode. Os médicos determinaram, - “após os seis meses, não pode ficar com os dois”. Aqui aparece a disforia; os médicos querem arrancar o pênis, mas a mãe quer preservá-lo. A autorização é dela, mas são eles que dão as coordenadas. A criança tem hormônio



masculino, mas os órgãos internos são femininos - tem que tirar o pênis. A mãe é informada que precisa assinar a autorização, mas não tem autoridade para impedir. Era imperativo. A decisão era dos médicos, mas ela tinha que assinar a autorização. O pênis foi extirpado.

Esse órgão a/mais, D'Ilda supõe que tendo sido arrancado, deixa Daniela em desvantagem anatômica. A plástica e a manifestação textual que esse órgão representa para a mãe “convocam e reúnem sentidos conjuntamente” (OLIVEIRA, 2000) num ato contemplativo do poder, o poder do pênis, o poder dos médicos, o poder da mãe porque sem a autorização da mãe nada poderia ser feito - a obrigatoriedade da autorização, e o não poder da mãe em deixar o pênis. O seu lamento é doloroso: - “Eu deixei cortar”, e desfalece em pranto, mas em seguida revoltada e diz: - “E o que mais eu podia fazer? Responda-me, o que eu podia fazer”? Ela implora ao outro uma resposta consoladora, porque acredita ter deixado castrar o filho.

O que esse órgão representaria para D'Ilda? Viria ele no lugar da falta do significante da Mulher? O signo “pênis” desempenha para a menina o papel de uma tela que oculta a natureza de sua própria falta (ANDRE, 1990:174) em “O que quer uma mulher”? Quando as crianças percebem a ausência de pênis rejeitam o fato e acreditam que veem aí um pênis. Depois entram em contradição fazendo uma observação, - “o pênis dela está ali só que é pequenininho, mas vai crescer quando ela crescer”. Em seguida concluem que ‘ele estivera lá’ e foi tirado conforme o complexo de castração, na “Organização genital infantil - uma interpolação na teoria da sexualidade” (FREUD, 1923:181). Os meninos concluem então, que a menina é castrada e inconscientemente eles passam a temer a castração.

Lacan sistematiza a dialética da presença e da ausência em torno do “falo” através dos conceitos da falta de significante. A castração na concepção lacaniana não se limita à angústia do menino em perder o pênis, nem na inveja da menina quando constata em si a falta dele. Mas, pela separação da criança do seu primeiro objeto de amor, a mãe, com a qual até então teve uma relação imediata, sem a interdição do terceiro na relação, o nome do pai. A castração é o corte produzido por um ato que cinde e dissocia o vínculo imaginário e narcísico entre mãe e filho e não o pênis real.

A mulher deseja o falo e como mãe, coloca o filho no lugar de falo imaginário. O filho responde desse lugar, identificando-se com o falo, atendendo o desejo da mãe. Os dois vivem em uma relação imaginária de completude temporária - conforme entende David Nasio (1990) em “Os sete conceitos da psicanálise”. Quando essa relação é interdita o falo é substituído por outros objetos equivalentes numa série comutativa (pênis = fezes, = presentes...), garantindo assim a possibilidade de substituições sucessivas de objetos, ao longo da vida do sujeito desejante, que se torna desejante a partir da falta.

Porque será que D'Ilda insiste nisso? Ela repete, no círculo do eterno retorno, do sempre igual. A menina não se perde em rumações, ela viu, sabe que não tem o pênis, e quer tê-lo como se pode ver em “Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”, tratadas por FREUD



(Vol. XIX, 1925:314). Mas D'Ilda não se conforma, a culpa a consome, ela sofre e chora quando diz: - "A vida foi cruel comigo, mas não podia poupar minha cria"?

1.3 UMA FILHA QUE TEM DA(NI)ELA

O que D'Ilda busca? Será que é preencher o vazio da falta do significante da mulher? A mulher é um significante que todo mundo fala d'ele. É um enigma. Equivale ao significante Deus, cuja existência é indefinida, sintomática. A mulher como Deus, se significa por si só. Não presentifica, simboliza-se porque a identificação com o feminino é complexa por sua própria natureza. A palavra que designa a mulher - feminino - é masculina. A identificação primeira vem com o nome próprio e este vem do sobrenome paterno, não havendo aí traço de identificação possível à mulher. Não há traço de identificação possível também com a mãe, por ser esta primeiramente fálica. Como se isso não bastasse Daniela nasce com pênis. "As estruturas textuais são aquelas onde as significações são concretizadas" (FLOCH, 2001). A superfície das estruturas textuais e as camadas das estruturas semi narrativas e discursivas representam três modos de existência semiótica: a virtualidade, a atualização e a realização.

Como identificar então o significante da mulher? D'Ilda não entende que a identificação é uma operação significante. Que o fenômeno que nela ocorre é imaginário. Para a mulher não tem um termo adequado para se significar. Não existe uma receita pronta. Ela se constitui a partir da falta de um significante. Constrói-se simbolicamente diante da "ausência de fundamento" a mulher não tem uma identificação, mas a "possibilidade de várias identificações", a partir de substituições e significações sucessivas de acordo com (POMMIER, 1992:44) em "Identidade feminina".

"Se é mesmo o falo que menino e menina descobrem respectivamente no sexo anatomicamente oposto, esta descoberta se inscreve no registro da falta para o menino e no registro do véu, para a menina" (ANDRE, 1990:173). DANE / ELA. O véu foi tirado.

Como se pode ver, através de Daniela, D'Ilda se fala. Ela quer ficar com os dois. Relatar a complexidade do caso D'Ilda e Daniela e procurar compreendê-la a luz da semiótica remete a uma reflexão de Morin em sua obra "O Paradigma Perdido", 2000. "Em tudo que escrevo (...) não há verdades senão parciais, relativas e temporárias. Imersos na complexidade, só resta distinguir certos aspectos das situações, analisá-las localmente e simplificá-las para poder apreendê-las. Isto é um fato que requer o máximo de descentralização". O que D'Ilda não conseguiu, por isso sofria. Movida pela culpa ela não conseguia des/locar para trans/formar e sublimar.

2 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O exercício de análise do complexo relato de D'Ilda e Daniela foi feita no sentido de conduzi-la a encontrar o seu próprio significado. Não apenas como um exemplo dentre os tantos que se



encontram a cada esquina, mas leva-la a reflexão por meio da análise semiótica e existencial minimizando sua angustia. Diante do inevitável que sentia - a mutilação do corpo do filho. Falar e ouvir, mas principalmente refletir alivia a aflição do ser humano nômade em permanente transformação e adaptação. Um animal perdido em suas ressignificações quebrando e reconstruindo paradigmas. As verdades existenciais são em sua essência parciais, relativas e temporárias porque diante da angustia humana sua estrutura se fragiliza e indistinto, o real se confunde com o imaginário.

Um relato real com personagens fictícios nos anos 80 é mais comum do que se imagina, pois, a maior mutilação na constituição da psique humana não é a concreta, mas a abstrata. A estrutura psíquica é de tal forma frágil, que ao construir seus significados pode se fragmentar. O ser passa a existência em ensaios, tentando entre análise e autoanálise completar um quebra cabeça juntando os fragmentos mentais, imaginários e reais, concretos e abstratos, hereditários, ambientais, infantis e espirituais. A função representativa da realidade discursiva é o destino em uma metáfora possível, uma viagem em torno de si mesmo.

A mãe que se angustia com a filha que repete o segundo ano no ensino básico é apenas o fato impulsiona/dor que a lançou em uma viagem ao passado e ao seu imaginário - a realidade possível. A possibilidade transita entre os papéis reais e simbólicos interpretados e graças à representação, essa mãe em análise viaja do céu ao inferno, em busca de si mesma, para significar a filha / filho mutilado.



REFERÊNCIAS

- ANDRE, Serge. O que quer uma mulher? São Paulo SP. 1990.
- BAITELLO, Norval. O animal que parou os relógios. 2ª,ed. Annblume, São Paulo, 2003.
- BATESON, Gregory. Steeps. To an Ecology of mind. São Francisco, Chandler, 1972.
- Metadiálogos. Lisboa: Gradiva, 1989.
- BYSTRINA, Ivan. Tópicos de Semiótica da Cultura. São Paulo, PUCSP – CISC. 1995.
- CASSIRER, Ernst. Linguagem e Mito. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- CONTRERA, Malena. Imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo SP. 2002.
- EIBESFELDT, Eibl. El hombre pré programado. Spain: Ed.Alianza, São Paulo SP. 1973.
- FIORIN, J. L. Elementos da análise do discurso. São Paulo: Contexto, 1994.
- FLUSSER, Vilém. A história do Diabo. São Paulo: Martins, 1965.
- Die Schrift (A Escrita) 4ª ed. Göttingen: Immatrix, 1992.
- Ficções Filosóficas. Editora da Universidade de São Paulo. 1998.
- Natural:mente: Vários acessos ao significado de natureza - Ensaio brasileiro, filosofia da natureza. São Paulo. Ed. D. cidades, 1979.
- Pós-história: vinte instantâneos e um modo de usar. Ed. Duas cidades, São Paulo, 1983.
- FOUCAULT, M. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- FLOCH, Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral. PUC-SP. [https://www5.pucsp.br/biblioteca São Paulo, SP CPS. Centro de Pesquisas Sociosemióticas. 2001](https://www5.pucsp.br/biblioteca/São%20Paulo,%20SP/CPS/Centro%20de%20Pesquisas%20Sociosemióticas.2001)
- FREUD, Sigmund. Análise de uma Fobia Vol. X, São Paulo SP. 1925.
- “Organização genital infantil - uma interpolação na teoria da sexualidade”. Vol. V, IX, São Paulo SP. 1925.
- Algumas consequências psíquicas da distinção anatomicamente entre os sexos. Vol. XIX. São Paulo SP. 1925.
- GREIMAS, A. J., COURTÉS, J. Dicionário de Semiótica. Cultrix, São Paulo, 1979.
- HARLOW, H. F.; GLUCK, J. P. & SUOMI, S. J. Generalization of behavioral data between nonhuman and human animals. American Psychology, aug.: 709-716, 1972
- HILLMAN, James Cidade & Alma. São Paulo, Nobel, 1993.
- Org. Encarando os deuses. São Paulo, Cultrix /Pensamento, 1993.



- O código do ser. Rio de Janeiro, Objetiva, 1997.
- Paranoia. Petrópolis: RJ. Vozes, 1993.
- HUIZINGA, J. Homo Ludens. São Paulo, Perspectiva, 1996.
- JUNG, C. G. Aion, estudos sobre o símbolo do si-mesmo. Petrópolis, Vozes, 1976.
- KAMPER, D. O trabalho como vida, São Paulo, Annablume, 1997.
- Jan Fabre ou l'arte de l'impossible. Strassbourg: La Chaufferrie, 1999.
- Wulf, Ch. Looking back on the end of the world .N.Y, Columbia Universit, 1989.
- LANDOWSKIE., OLIVEIRA, A.C., Do inteligível ao sensível. São Paulo, Educ, 1995.
- MORIN, E. O Paradigma Perdido. Portugal: Europa América, 2000.
- O Método/ O conhecimento do conhecimento. Porto Alegre, Sulina, 1999.
- NASIO, Juan, David. 1990. Os 7 conceitos da psicanálise". São Paulo SP. 1990.
- OLIVEIRA, Ana Claudia. Caderno de Discussão. Centro de Pesquisa Sociosemióticas. São Paulo Ed. CPS, 2002.
- PRIGOGINE, Ilya. O Fim das Certezas. São Paulo, Edunesp, 1996.
- PROSS, H. Sociedade do Protesto. São Paulo: Annablumme. 1997.
- PROSS, H., ROMANO, V. Atrapados en la red mediática: Hondarribia: argitaletxe Hiru. 1999.
- POMMIER, em Identidade feminina. São Paulo SP. 1992.
- PRADO Adélia. in Poesia Reunida. p. 148. Rio de Janeiro RJ, (p. 148) 1990.
- PROSS, Harry Atrapados en la diversidad, actualizada, São Paulo SP. 1999.
- ROMANO, V. Tiempo y espacio en la comunicación. Hondarribia: Argitaletxe Hiru. 1999.
- SERRES, Michel. Os Cinco Sentidos: filosofia dos corpos misturados. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil. 2001.
- SODRÉ, Muniz. Antropológica do espelho: Uma teoria da comunicação linear em rede. Metrôpoles, RJ. Vozes, 2002.
- SOUZA Monica Maria Martins. De um curso a um discurso. Nós da Clínica. Jornada da UNI Newton Paiva. Ed. V jornada, Belo Horizonte MG 1991.
- WATZLAWICK, P. A realidade inventada. Como sabemos o que cremos saber. Campinas: Ed Psy. 1994.
- WATZLAWICK, P; BEAVIN, J. JACKOBSON, D. Pragmática da comunicação Humana. São Paulo, Cultrix, 1993.



WINKIN, Yves. A Nova comunicação. Da teoria ao trabalho de Campo. Campinas, Papiros. 1998. Org. Etienne Samain.